

# REALIDADE MORTA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p168-174>

Roberto Xavier de Oliveira <sup>1</sup>

Acordei a ponto de não saber que ainda estava dormindo. Seus braços ainda estavam ao redor de minha cintura, frouxos pelo sono pesado que sua respiração denunciava e levemente aquecia minha nuca, que ele usava para sentir meu cheiro. Seu cheiro me relaxa para eu dormir, você cheira a momentos preguiçosos que passamos na cama, isso é o que mais amo em você. Talvez eu tenha caracterizado esses momentos com meu cheiro - ele já os havia vivido, sem mim, em outros relacionamentos, sozinho, porém eu os caracterizei com meu cheiro, minha marca em sua memória.

Algo me impelia a não virar para trás e começar a encostar meus lábios aos seus - pois nem beijo esse toque pode ser considerado - são somente pequenos movimentos delicados em seu rosto silencioso. Por que eu não queria virar? Por que eu não queria vê-lo ali? Meu peito começa a se esquentar levando o calor para minha garganta e meu rosto enquanto meus dedos ficam gelados e meu corpo inteiro treme. Sinto uma fina linha de suor em meu buço, como quando é verão e estamos na varanda de nossa casa, ele sem camisa e de shorts, eu com sua camisa e sem shorts. Os dois conversando sobre o dia que passou enquanto bebemos algo gelado, eu falando sobre meus alunos, ele sobre seus casos. Seus dedos deslizavam por minha perna apoiada no seu colo, ele os levava até minha coxa e os arrastava lentamente até meus dedos do pé, dando o mais leve dos toques na ponta de cada dedo. Essa sutil sensação de euforia eu sentia agora enquanto estávamos deitados, eu acordado e ele dormindo. Mas ainda eu não entendia o porquê de não querer virar para ele acalmar essa euforia.

Ele já deveria ter acordado. Eu sempre acordava primeiro para ouvir seu bom dia alguns minutos depois. Que estranha essa sensação.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, São Paulo, Brasil.

Sinto como se eu soubesse a razão de saber o porquê ele ainda não acordara, mas ao mesmo tempo me nego a decifrá-la. Sinto o calor de meu peito, rosto e garganta aumentar, misturado com o gelo de meus dedos elevar, juntos com o tremor de meu corpo intensificar. Por que essa euforia em desvendar o que eu no fundo sei? Seria isso mesmo euforia? Talvez seja medo desse sonho acabar. Medo de acordar e encarar uma realidade morta. Por que morta? No fundo eu sei a resposta, mas agora, por vontade própria, eu não irei confrontá-la.

Por isso eu sigo olhando para a parede amarela viva, clara pela luz que entrava pelas frestas das cortinas do quarto, contrastando contra os dois cadáveres na cama, imóveis. Ele sem fazer um movimento sequer, na mesma posição desde que eu acordei. A mesma respiração ritmada, pesada, e sentida após ser lembrada. Ao mesmo passo que eu estava na mesma posição – o outro cadáver – evitando a resposta que a cada instante raciocinado atrelado a nova ideia de movimento, aproximava-se da realidade imaginada.

A imagem de mexer meus dedos do pé me compele a olhá-los, mas não consigo virar minha cabeça para baixo. Até mesmo seu pé eu quero evitar. O pensamento de senti-los ainda está em minha cabeça, entretanto é necessário um esforço gigantesco para somente estimular o dedão, como se minha vontade de evitar a resposta também evitasse meu mais simples movimento. Contudo, com uma gigantesca força psicológica, consigo dobrar meus dedos. A cada curvar eu sentia uma enorme sensação de liberdade, como se meu corpo estivesse congelado e o calor que antes havia sentido em meu peito começasse a surgir nos pontos mais remotos de meus quatro membros.

A cada novo instante vou me desvencilhando do inerte. Não mais sinto seus pés contra os meus, nem suas pernas atrás das minhas, afastei-as das suas. Eu consigo controlá-las agora. O que eu evitei até agora eu ainda evito, mas mais perto eu a deixo chegar. Distancio meu quadril do seu. Não irei virar para trás, irei olhar a cama de pé, olhando de cima para baixo. Mas não consigo me sentar para levantar. Viro de braços fazendo o máximo de força que consigo com meus braços, equilibrando-me em meus pés que já no chão me sustentam. Eu me levanto.

A cama estava vazia agora que eu havia me retirado dela. Teria ela comportado pela noite somente meu sono raso? Agora eu entendia o que havia evitado até esse instante de realização desperta. Há quantas noites

eu dormia sozinho para acordar em um vazio? O lençol estava somente do meu lado bagunçado, assim como os travesseiros espalhados onde eu havia despertado. A tentativa de lembrar a quanto tempo eu dormia sendo minha própria companhia era impossível de ser mantida, eu sabia a quanto tempo minha presença se mantinha sozinha. Como eu sentia seu corpo ao lado do meu até pouco tempo decorrido, para agora eu perceber que o que eu sentia era um torso figurado, imaginado, sonhado, o cadáver do meu namorado que por suas próprias mãos foi levado para a morte de seu fado.

Uma onda de percepção desse fato cognoscível me atinge com uma força que me enjoa, como se sua verdade fosse um soco em meu estômago que me faz ter vontade de vomitar todo o fato imaginado por esse sonho ilusório. A realidade da situação do vazio metaforizado por uma cama dividida em dois lados me força a reviver a lembrança de encontrá-lo já enquanto cadáver, com seus pulsos cortados sem nenhum jorro de sangue espalhado. Seco como seu interior estava, assim eu encontrei seu cadáver sem sangue esguichado, seus galhos retorcidos em forma de braços ligados a um tronco esturricado com outros dois galhos baixos ressecados e uma cabeça mirrada, personificando o concreto cabralino. Assim eu o olhava, assim eu o lembrava, e assim, eu o afastava.

Meus olhos pesados amalgamam-se com o pesado sono da noite, trazendo-me as lembranças de um sonho-pesadelo caracterizado pela marca que um ser inanimado havia deixado em meu ser. A relembração do dia em que o encontrei estatelado ao chão, com os pulsos rasgados em vermelho sangue, mesclaram-se com os versos de uma vida severina, concebendo uma imagem repulsiva feita para ser esquecida.

Meu mundo havia se tornado uma casa vazia e minha casa havia se tornado um quarto de solidão. Abro os olhos para não mais ver uma parede amarela, mas sim um teto branco iluminado pela manhã apresentada pelas frestas das cortinas. Não estou de lado buscando conforto em meu próprio aconchego, estou de barriga para cima com cada um dos meus braços estendidos para um lado. Não me retraio no que um dia foi meu espaço, sem ocupar seu lugar, reinvidico ambos como meus.

Eu vivia em um mundo sem tempo de dentro dos meus olhos. Meu corpo tornara-se o lar de um ser passivo que somente assiste aos acontecimentos parados de uma vida sem vida. O ato ativo de ver não era

mais realizado por olhos metamorfoseados em telas de reprodução de um corpo letárgico.

O relógio ao meu lado indica um horário há muito não vivenciado, que durante muito tempo fora ignorado, renegado, desprezado. A manhã havia se tornado a madrugada de uma vida passada, madorna em sua essência, uma tentativa de fuga forjada com o intuito de não encarar o morto hábito sonhado. Estranho ver o que antes era minha casa voltar a ser meu quarto, estou sentado observando o cômodo bagunçado, lençóis e cobertores sujos jogados ao lado, misturados à roupas cobertas de tabaco. Desde quando eu fumo? Teria eu me tornado alguém abandonado? Me lembro do telefone tocando com o nome “mãe” chamando enquanto eu continuava ignorando, portanto não fui descartado. O fumar que eu fazia era uma busca de sentir o queimar unido a nicotina, um esforço para vivenciar a mais ínfima sensação interior.

Deslizo minhas pernas para a borda da cama encostando meus pés aos tacos de madeira. Fecho meus olhos sentindo o frio toque que eles oferecem à minha pele, de maneira que caminho pela casa com meu sentido integrado à madeira. Ando por cada cômodo a partir do contato entre o orgânico e o concreto. Me coloco de pé, percebendo após um longo sonho, dividido entre ser vivido e delirado, a força de minhas pernas sustentando um corpo a longo meio-morto. O primeiro consciente passo me faz reconhecer a sensação de meus músculos atrelados à veias que carregam a vida por todo meu ser físico.

Ao contrário do previsível romântico, não ando até a janela para abri-la, a fim de sentir o brilho quente do sol em minha pele despertando meu espírito dormente. Avanço até o banheiro reconhecendo o gelado do piso branco mais intenso que o frio dos tacos de madeira. Encaro o vão entre a banheira e o vaso onde sua cabeça estava jogada, os olhos fechados pela fraqueza que a falta de sangue provocara, sua boca sem o vermelho-rosado característico, pálida como o resto de seu corpo. O vermelho que saía de seu pulso, a única parte de seu corpo matizada, coloriu por inteira a marca em minha memória. O branco tornara-se a única coloração desse espaço, uma mistura de paz habitual e trauma memorizado.

O espelho oval à minha direita reflete a imagem de um ser que eu não mais reconheço. Seu rosto seco com olheiras escuras abaixo dos fundos olhos expressam uma imagem cansada de tristeza. Ele tira o moletom do cadáver e com os finos dedos conta uma por uma suas

costelas magras. O ser despe seu shorts e cueca, me mostrando seu mirrado quadril com duas ressequidas pernas, pertencentes a um descarnado corpo. Ele era a personificação, se pessoa poderia ser considerado ainda, da dor, da mágoa, do pesar e da incompreensão de uma morte a qual eu me culpava.

Meus olhos marejam-se com lágrimas de culpa, vindas de um lugar ignorado pela raiva que reinava meu interior torturado por meu próprio eu. Dias passados encolerizado por seu ato sem ao menos tentar entender seu lado, odiando-o, repulsando-o. Eram máscaras disfarçando a sensação de compunção por não tê-lo ajudado. Mas como eu poderia ajudá-lo, se somente percebi sua intenção quando já estava feita no chão, encontrada por mim num momento de martirização? Não há culpados nessa tragicidade, somente dois vitimados.

Uma de cada vez, levanto minhas ressecadas pernas entrando na banheira com o doloroso contato do mármore branco, intensificado pela fraqueza em que me encontro. O caloroso abraço da água escorria da minha nuca até o final de minha coluna, me causando arrepios pelo curto choque de temperatura que um fraco corpo frio sentia. Enquanto sentado eu permanecia, o espelho embaçava pelo vapor que umidificava as paredes claras de azul, turvando a visão que eu tinha do ambiente como se estivesse me testemunhando a passividade em que eu vivia até àquela manhã.

Em uma tentativa de entender seu ato, mergulhei no mundo de Virginia Woolf e Sylvia Plath, imaginei que ao ler suas obras eu poderia encontrar uma resposta. Pela minha atual situação cheguei a conclusão que todos têm suas mais intrínsecas razões, com pesar também me conformei que nunca saberei a sua. Porém, imagino que caso soubesse, mais emergido nessa escuridão eu estaria.

De volta ao quarto, me visto com roupas inteiramente minhas, um suéter vermelho que agora estava largo, uma calça de moletom bege clara, que para se manter em meu quadril precisava de um nó em seu cordão. Me viro para seu guarda-roupa com uma ideia abrindo caminho por meus pensamentos, eu poderia doar suas roupas, pelo menos aquelas de que nunca gostei. Saio de minha antiga casa para adentrar meu antigo mundo.

– Acordou cedo hoje, seu Miguel – era a empregada. Eu tinha me esquecido que ela viria hoje. A quanto tempo ela limpa essa casa sem ao menos eu perceber ela?

– Bom dia, Rosa! – estranho ouvir essa voz saindo de minha boca, tanto tempo assisti as coisas de dentro dos meus olhos que ter controle de meus atos se tornou um ato completamente incomum.

– Você vai voltar para o quarto?

– Não, Rosa. Pode limpá-lo!

Enquanto Rosa segue com o balde e todos os seus produtos, eu tiro um cigarro de dentro do maço em cima da mesa de centro da sala e pego seu retrato. Pego o isqueiro ao lado do maço e encaro sua foto com uma tragada do cigarro, seguro a fumaça dentro de mim conforme ela queima meus pulmões. O ardor em meu peito era um esforço para continuar sentindo um amor por uma foto mais viva que ele, agora era um hábito cotidiano.

– Seu Miguel, tava quase esquecendo, sua mãe me ligou e pediu pra avisar que ela vem almoçar com você hoje – era bom saber que até mesmo Rosa não havia me abandonado.

– Obrigado por avisar, Rosa! Não quer ficar pra almoçar também? – uma iniciativa de retomada de vida.

– Não posso, seu Miguel, tenho que ir na escola da minha filha. Acredita que ela escondeu o boletim de mim? – ela colocou o braço na cintura e levantou o outro, apontando o dedo para alguém que não estava ali – A diretora me ligou cobrando o porquê eu não tinha ido assinar não sei que papel pra poder pegar o boletim. Eu ainda mato aquela menina! – ela para um instante, cabisbaixa, quase diminuindo de tamanho ao dizer com uma voz triste e trêmula – Ela também me perguntou como o senhor tá, disse que tá com saudades e que os alunos tão sentindo sua falta. A Laura que eu diga, minha menina gostava muito do senhor – Sua voz quebrara e seus olhos cheios de lágrimas ficaram. Ela percebera que hoje eu estava melhor, só por isso falou. Há quanto tempo ela tinha recebido essa ligação da diretora?

– Eu vou voltar, Rosa. Só que não amanhã, ainda preciso digerir o que aconteceu – minha voz também quebrara e já lágrimas desciam pelo meu rosto – Você bem sabe... Se não fosse você vindo aqui eu não sei... Você entendeu.

– Seu Marcos faz falta – era a primeira vez em muito tempo que seu nome ressoava por meus ouvidos – Você é muito forte, Miguel – agora eu entendia porque ela ainda vinha mesmo depois de eu tê-la demitido. Ela temia que eu fizesse a mesma coisa.

– Eu sou muito fraco, Rosa. Hoje é o primeiro dia desde que eu achei ele que entro debaixo d'água sem que você e minha mãe me arrastassem pra lá. Se não fosse por você... Obrigado por cuidar de mim.

Nos abraçamos e ela voltou ao quarto. Eu conseguia ouvir ela dobrando os lençóis ao fundo enquanto chupava o nariz pelo choro. Acendi outro cigarro, passei as costas das minhas mãos no rosto, enxugando minhas lágrimas e olhei para nossa foto juntos. Eu estava tão feliz naquele dia, tínhamos ido visitar o Pelourinho baiano, era meu sonho visitar Salvador, tínhamos ido dois meses antes de eu o encontrar morto.

As lágrimas voltam a encher meus olhos. Dirijo meus pensamentos ao que minha mãe fará hoje no almoço. Provavelmente algo que gosto.


Recebido em 13 de maio de 2021

Aprovado em 12 de dezembro de 2021

Roberto Xavier de Oliveira

Discente de Letras Português/Alemão na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Araraquara. Pesquisador de Iniciação Científica.

Contato: [roberto.xavier.oliveira@hotmail.com](mailto:roberto.xavier.oliveira@hotmail.com)

 : <https://orcid.org/0000-0001-7746-7854>

A **Revista Desassossego** utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.